

JOAQUINA LAPINHA: UMA CANTORA BRASILEIRA DO SÉCULO XVIII*

*David Rabello***

A participação da mulher nas atividades profissionais, dentro da sociedade brasileira, tem sido objeto de atenção de alguns investigadores, nos últimos anos, mas ainda há, evidentemente, muita coisa a ser feita.

A atuação feminina no campo artístico, por exemplo, ainda hoje é objeto de restrições em algumas famílias. Sem dúvida, o descompasso entre o Brasil arcaico e o Brasil contemporâneo explica, em boa parte, essa diferença de mentalidade existente em vários grupos sociais, embora os meios de comunicação, sobretudo os eletrônicos, tenham contribuído muito nas últimas décadas para o intercâmbio de padrões de cultura nos vários Brasis e embora sempre funcionem os modismos que levam muita gente do interior a imitar aquilo que os programas de televisão transmitem e que nem sempre revelam a verdadeira realidade das capitais e das grandes cidades.

Se há, hoje, uma tendência no sentido de aumentar cada vez mais a participação da mulher em todos os campos profissionais, o mesmo não ocorria no passado. E as atividades artísticas, sobretudo, eram marcadas com o ferecimento da condenação moral.

Por tudo isso, desperta sumo interesse uma figura como a de Chiquinha Gonzaga, senhora de uma marcada vocação musical, que no acanhado ambiente cultural brasileiro da segunda metade do século XIX, como maestrina e compositora, além de uma densa e fecunda produção, teve também significativa atuação política, participando nas campanhas abolicionista e republicana e na defesa dos direitos da mulher e dos artistas. Viveu uma parte de sua vida como cantora profissional e atuou na evolução da nossa música po-

(*) *Comunicação apresentada no Colóquio Brasil - Século XVIII*, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos do Século XVIII, em Brasília, de 4 a 7 de junho de 1984.

(**) *Do Departamento de História do Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campo de Assis.*

pular, numa época em que isso era vedado às mulheres, sobretudo àquelas de elevada extração social, como era o seu caso.

Mas seria um engano supor que Chiquinha Gonzaga tenha sido pioneira, como cantora brasileira profissional. Bem antes dela, pelo menos há quase um século de distância, podemos ver emergir das brumas do tempo uma outra figura feminina muito interessante e que tudo indica tenha vivido do canto, dotada, como era, de belíssima voz e de apurada sensibilidade.

Referimo-nos a Joaquina Maria da Conceição da Lapa. É possível que procurando-se nos Arquivos de Portugal e do Brasil se encontrem mais informações a seu respeito. Todavia, na falta de maiores detalhes, deveremos ater-nos, no momento, ao que diz a imprensa lisboeta, no fim do século:

“A 24 do corrente mez fará no Real Theatro de S. Carlos hum concerto de Musica vocal e instrumental Joaquina Maria da Conceição Lapinha, natural do Brazil, onde se fizeram famosos os seus talentos musicais, que tem já sido admirados pelos melhores avaliadores desta Capital. Os bilhetes e chaves dos camarotes se acharão em sua casa na rua dos Ourives da Prata, na véspera, e na noite do indicado dia, no mesmo Theatro”.¹

Joaquina Lapinha vivia no Rio de Janeiro, de onde era natural. Conhecida, aqui, como uma ótima cantora, já o era sobejamente, pois, segundo o texto, aqui (no Brasil) “se fizeram famosos os seus talentos musicais.” Por que teria ido a Portugal? Atendendo a convites? Teria, porventura, parentes que serviriam como pontos de ligação? Teria sido esta (1795), sua primeira representação em Portugal? A notícia estampada na *Gazeta de Lisboa* traz a expectativa de um excelente espetáculo e adianta que os dotes artísticos da brasileira “tem já sido admirados pelos melhores avaliadores desta Capital”, o que dá a entender ter já ela anteriormente feito outras apresentações em Lisboa, se não para o grande público, pelo menos em círculos restritos.

Embora nunca tivesse alcançado o mesmo nível que a Inglaterra, França, Países Baixos, Itália e Espanha, a corte de Lisboa, contudo, de longa data possuía muita familiaridade com a música. Via de regra, ela era cultivada como um elemento componente do fausto cortesão. Nunca deixou de predominar em Portugal a música de feição eclesiástica² e isto se compreende não apenas pela estreita ligação entre a Igreja de Roma e o Estado português, durante toda a sua história, como também porque só no século XIX é que se acelerou o processo de secularização da música. Mas durante o século XVIII a influência operística italiana não deixa de manifestar-se e de criar sólidas raízes. Ou, como diz Gilberto Freyre com referência à música em Portugal na segunda metade daquela centúria: “Música francesa ou italiana, em vez do fado com sua tristeza árabe e da modinha adocicada, meio africana, du-

(1) Cf. *Gazeta de Lisboa* de 16 de janeiro de 1795 – Num. 2 – Suplemento.

(2) Cf. GRAÇA, Fernando Lopes. *Música e Músicos*, in Joel Serrão (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa Iniciativas Editoriais, s.d.

rante o século 18 tão tocada ao som do violão. O piano em vez do violão ou da harpa”.³

A *Gazeta de Lisboa* registra freqüentemente a realização de concertos vocais e instrumentais e a presença constante de nomes do bel-canto, como Forlivesi, Angelelli, Lungarini, Antonio Bertocci, Mariana Vinci, Luiza Gerbini. A influência da música italiana em Portugal naquele período pode ser aquilatada pelo seguinte AVISO (entre muitos outros), publicado por um comerciante do ramo na imprensa da capital portuguesa⁴:

“João Baptista Waltman faz saber a todos os Professores e Curiosos de Música que elle acaba de receber as Obras novas dos Authores seguintes: huma Missa nova completa a quatro vozes do célebre Jacomo Tritto, de Nápoles; Arias novas, serias e jocosas, de Parisello, Cimarosa, Santi, Guggielmi, Bianchi, Marinelli, Palma, Nicolini, Andreozzi, Marcos Antonio, Portuguez, Compositor em Napoles, Fioravanti, Martini, Mengozzi, Gazzaniga, Ferdinando Per, e Zingarelli. — Também avisa que sahirão ultimamente à luz as Obras 28, 29, 30, e 31, Sonatas para Piano forte de Pleyel, e muitas obras modernas para todos os Instrumentos.”

Primas-donas italianas muitas vezes alvoroçavam a sociedade portuguesa e entre elas tornou-se particularmente notória a veneziana Zamperini.⁵ Sua “fama” atravessou o Atlântico, tendo dado nome a uma epidemia que irrompeu no Rio de Janeiro em 1780.⁶ O rebuliço provocado pela artista italiana em Portugal foi tão grande, envolvendo várias figuras eclesiásticas, entre elas os padres José Agostinho de Macedo e Manuel de Macedo,⁷ que finalmente o todo poderoso marquês de Pombal houve por bem expulsá-la do Reino, em 1774.⁸ Os “Reservados” da Biblioteca Nacional (Lisboa), guardam muitos documentos sobre o assunto, destacando-se a *Zamperineida*,⁹ ou coleção de composições poéticas, algumas delas de autoria de nomes de grande relevo, na época, como J. Basílio da Gama, Nicolau Tolentino e outros. Em ótros códices aparecem também referências a figuras que foram “enzamperinadas”,¹⁰ isto é, seduzidas, fascinadas, segundo expressão da época.¹¹

(3) Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*, 4ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio 1968, tomo I, p. 334.

(4) Cf. *Gazeta de Lisboa* de 18 de abril de 1797 – Num. 16.

(5) Cf. Cód. 8.581 – BIBLIOTECA NACIONAL (Lisboa).

(6) Cf. Gastão Cruis, *Aparência do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1949, p. 395.

(7) Cf. Cód. nº 8.383, fl. 22 – BIBLIOTECA NACIONAL (Lisboa).

(8) Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

(9) Cf. Cód. 8.630 – BIBLIOTECA NACIONAL (Lisboa).

(10) Cf. Cód. 7.008 – BIBLIOTECA NACIONAL (Lisboa).

(11) Cf. Cód. 805, fls. 281 a 284 – BIBLIOTECA NACIONAL (Lisboa).

Havia, portanto, um ambiente artístico em que se cultivava o Canto e o Teatro. Joaquina Lapinha devia, com certeza, ser dotada de peregrinos dotes artísticos, para que rompesse as fronteiras provincianas do Rio de Janeiro (capital do Brasil somente há menos de vinte anos), e passasse a ser requisitada em Lisboa.

A notícia da sua próxima apresentação (24 de janeiro de 1795), no Real Theatro de S. Carlos, acima transcrita, demonstra claramente tratar-se de uma cantora de grandes méritos. Mas o relato da sua *performance*, feito no início do mês seguinte, já não contém apenas uma expectativa otimista: é francamente entusiástico. Joaquina Lapinha conquistara a cidade:

“A 24 do mez passado houve no Theatro de S. Carlos desta Cidade o maior concurso que alli se tem visto, para ouvir a celebre cantora Americana Joaquina Maria da Conceição Lapinha, a qual na harmoniosa execução do seu canto excedeo a expectação de todos: foram geraes e muito repetidos os applausos que expressavão a admiração que causou a firmeza, e sonora flexibilidade da sua voz, reconhecida por huma das mais bellas, e mais proprias para o Theatro. Por taes testemunhos de approvação deseja ella por este meio mostrar ao Publico o seu reconhecimento”.¹²

Não era comum este “tom” no noticiário geralmente feito pela *Gazeta de Lisboa* a respeito de acontecimentos desta natureza. Pode dizer-se que o desempenho de Joaquina Lapinha em Lisboa, no dia 24 de janeiro de 1795, talvez tenha provocado a primeira manifestação crítica no mundo português a respeito de um recital de canto, num órgão de imprensa. Essa nota possivelmente assinale o início da crítica especializada de arte na imprensa portuguesa. Embora, evidentemente, não tenham permanecido registros sonoros, podemos imaginar, com base nas poucas informações do órgão lisboeta, que a cantora brasileira devia ser dotada de uma voz agradabilíssima e límpida, de amplo espectro harmônico, de firme volume vocal, com segurança e sensibilidade para expressar, através do som, diversos estados de alma. À sua personalidade não devia, certamente, ser alheia a beleza física e um marcante magnetismo pessoal. Quanto à sua cultura musical, não dispomos de elementos suficientes para avaliar, podendo conjecturar, no entanto, que ela tivesse desenvolvido os estudos básicos de canto e tivesse absorvido alguma coisa da influência musical predominante no Reino.

A diva carioca não deve ter permanecido inativa, mas nova notícia sobre ela só vamos ter um ano depois quando a *Gazeta de Lisboa* nos informa da apoteose que foi a sua apresentação no Porto em 29 de dezembro de 1795:

“Do Porto avisão que no Theatro daquella Cidade houvera a 29 de Dezembro hum beneficio a favor da célebre Cantora Joaquina Maria da Conceição Lapinha, no qual todas as pessoas presentes admirarão a melodia da sua voz, e a sua grande execução, de sorte que ella a 3 de Janeiro se vio obrigada a voltar ao Theatro, prestando-se aos instantes ro-

(12) Cf. *Gazeta de Lisboa* de 6 de fevereiro de 1795 — Nº 5 — Suplemento.

gos das pessoas, que por não caberem allí da primeira vez a não tinham ouvido”.¹³

Da notícia acima se deduz que, por se tratar de um benefício, toda a renda da récita do dia 29 de dezembro ficou reservada para a cantora. Embora o texto não o diga, a segunda apresentação deve ter sido, da mesma forma, muito rendosa, com a integralidade ou pelo menos uma boa parcela recebida pela brasileira. Parece não restar dúvida também quanto ao prestígio que Joaquina Lapinha desfrutava em todo Portugal. Conquanto não tenhamos localizado documentação a respeito, é de presumir-se que tenha viajado e cantado nas principais cidades do país. Luiz Edmundo, por exemplo, afirma que ela fazia grande sucesso

*“Nos salões e palcos portugueses”*¹⁴

e desta maneira há de entender-se que suas digressões artísticas não se restringiriam apenas aos proscênios de Lisboa e do Porto.

Aliás, pelo menos em Coimbra se pode constatar que a déia brasileira também esteve, pois ficou documentada a paixão amorosa que despertou no poeta coimbrigense (nasceu no Porto mas estudava em Coimbra) João Evangelista de Moraes Sarmiento (1773 – 1826). Em dois longos poemas emocionados, ao gosto da época, o bardo extravasou seus sentimentos em relação a Lapinha, demonstrando que sua atuação não se restringia ao campo meramente artístico, mas estava também impregnada de *sex-appeal*. No primeiro poema, a “Ode pindárica a D. Maria Joaquina da Conceição Lapinha, cantora insigne”,¹⁵ Sarmiento fala, entre outros arroubos, da “belíssima Lapinha”, “Adoremos Lapinha em seus altares”, “Triunfa Amor, Amor se desafronta, / Já de Lapinha no poder descança”, “Lapinha terna, doce, espirituosa, / Esta he da Glória, e da Ventura estrella.”

Se o primeiro poema, de apaixonada admiração, reflete um momento que parecia não findar em sua dimensão temporal, o segundo, uma “Canção”, dedicada à mesma cantorina (em Coimbra), mostra um sentimento quase lancinante de dor pela sua partida:

*“Lá vai dizendo adeos! Lapinha parte!
A meus olhos se esquivava!
E não vem, coração, despedaçar-te
Do voraz monstro a foice decisiva!”*¹⁶

Com referência à estância de Joaquina Lapinha no Porto, revela notar que Luiz Edmundo¹⁷ se engana na data da sua apresentação, fazendo-a ante-

(13) Cf. *Gazeta de Lisboa* de 2 de fevereiro de 1796 – Nº 5.

(14) Cf. EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Conquista, 1956, p. 635, vol. III.

(15) Cf. SARMENTO, João Evangelista de Moraes. *Poesias*, Porto, Typographia Commercial, 1847, p. 60/4.

(16) Cf. SARMENTO, J. E. de Moraes. op. cit., p. 172/4.

(17) Cf. EDMUNDO, Luiz. op. cit., p. 635, vol. III.

rior à que foi realizada em Lisboa (a não ser que ele possuísse elementos outros, provenientes de fonte diversa, e que mostrariam, nesse caso, a estréia de Lapinha no Porto e não em Lisboa, em data anterior. Mas não parece ser o caso). As transcrições da *Gazeta de Lisboa*, feitas acima, mostram claramente que no primeiro ela se exibiu na capital do Reino (24 de janeiro de 1795), e só no fim deste mesmo ano se apresentou no Porto (29 de dezembro), repetindo o concerto a 3 de janeiro de 1796.

“prestando-se aos instantes rogos das pessoas, que por não caberem alli da primeira vez a não tinham ouvido.”

Como não há suficiente disponibilidade de documentação a respeito da grande cantora carioca, temos de extrair algumas inferências da parca documentação que nos é dado manusear. Se logo em seguida ela voltou ao Rio de Janeiro, ignorámo-lo. É de presumir que não, em virtude das dificuldades de transporte, na época, e da demora de uma navegação entre Portugal e a capital brasileira. E também, e sobretudo, porque – tudo indica – ela estava obtendo sucesso no Reino.

Por isso que, alguns anos depois (junho de 1801), encontramos uma referência nas memórias de um viajante sueco, então em Lisboa, que talvez se relacione com Joaquina Lapinha. Diz ele que foi visitar uma família brasileira numa pequena propriedade, chamada *Quinta da Fonteira*, situada do outro lado de Belas, e lá teve o grande prazer de ouvir a uma excelente cantora brasileira

“com sua voz naturalmente bela e artisticamente cultivada, cantar algumas das mais deliciosas canções populares do seu país, a que se dá o nome de modinhas e que ela acompanhava com o alaúde”.¹⁸

Teria sido Joaquina Lapinha? Pena que Ruders não tenha indicado o nome.

Entretanto, nesse difícil acompanhamento da trajetória da cantora, podemos ter certeza de que em 1809 ela estava, sim, no Rio de Janeiro. Vejamos o que diz a imprensa, na seção de Avisos:¹⁹

“Madama D’Aunay, Cômica cantora novamente chegada de Londres, em cujos Theatros, assim como nos de Paris, sempre representou, informa respeitosamente aos Cidadãos desta Corte, que ella pretende dar hum Concerto de Muzica vocal, e instrumental na casa N. 28, na Praia de D. Manoel, no dia 14 do corrente. Nelle cantarão ella, e a Senhora Joaquina Lapinha a mais bem escolhida Muzica dos melhores authores, e tocarão os Senhores Lansaldi, e Lami Concertos de Rebeca, e executar-se-hão em grande Orquestra as

(18) Cf. RUDERS, Carl Israel. *Viagem em Portugal – 1798 – 1802*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, p. 202.

(19) Cf. *Gazeta do Rio de Janeiro* de 11 de outubro de 1809 – Nº 113.

melhores Overturas de Mozart. – Vendem-se bilhetes em sua casa N. 8 de S. José a preço de 4\$000 réis”.

Caso Lapinha tenha estado em Portugal, desde que chegou, em 1795, teria naturalmente retornado, ou pouco antes ou pouco depois da vinda da corte, em 1808. No Rio de Janeiro, teria o mesmo sucesso que em Lisboa e outras cidades portuguesas? Um pouco difícil. Partindo do princípio de que “santo de casa não faz milagres” e também de que o ambiente brasileiro era acanhado, em relação ao da metrópole, apesar da própria presença da corte (recém acabada de chegar, diga-se de passagem), podemos notar pela notícia acima transcrita da *Gazeta do Rio de Janeiro* que Joaquina Lapinha não é a figura central e sim Madame D’Aunay, vinda dos palcos de Londres e de Paris, conforme dizia a propaganda, por razões de prestígio, embora talvez fosse até verdade. Na Europa, é impossível que Joaquina Lapinha nunca tenha saído de Portugal. Para o concerto de música vocal e instrumental dado em 14 de outubro de 1809, no Rio de Janeiro, quem está em primeira plana, de acordo com a notícia, é Madame D’Aunay, conforme dissemos. É preciso levar em conta, entretanto, que, sendo estrangeira e portanto desconhecida, Madame D’Aunay contaria com o prestígio de Joaquina Lapinha, que ajudaria a carrear público. Por outro lado, a cantora brasileira contaria também com a oportunidade de uma determinada renda, devendo-se notar, para avaliar o poder aquisitivo dos assistentes, sua categoria social, assim como o nível dos artistas, que o valor dos bilhetes (4\$000), não era pequeno para a época. Em suma, o espetáculo não era barato. E ainda aí podemos constatar que apesar das dificuldades e da precariedade da situação, Joaquina Lapinha está exercitando uma atividade profissional, como cantora e musicista, embora talvez não pudesse fazê-lo como rotina em vista das limitações do mercado, na época.

Sem dúvida, uma investigação paciente, com uma busca acurada às fontes, revelará novas facetas da vida e da pessoa de Joaquina Lapinha. Nosso intuito, no entanto, foi o de apenas levantar o problema para que outros pesquisadores o retomem, e, com mais propriedade, possam trazer achegas sobre essa figura tão interessante.

Por enquanto, resta-nos constatar que na realidade não foi Chiquinha Gonzaga a primeira mulher brasileira a desenvolver uma atividade profissional nesse espinhoso campo do Canto e da Música, ainda no século XIX. Quase um século antes, enfrentando, de certo, preconceitos ainda maiores e óbices que nem de longe podemos imaginar, outra brava mulher pôde, se não de forma sistemática, pelo menos em muitas ocasiões, viver exclusivamente do Canto. Para isso, seus talentos naturais e sem dúvida a sua parcela de dedicação e de sacrifício, permitiram-lhe atravessar o oceano e fazer sucesso na Europa.

Que era bem brasileira, podemos deduzir não apenas pelo simples fato de aqui ter nascido mas por muitas outras circunstâncias. Caso Ruders realmente a ela se refira em suas memórias, dedicava-se a formas bem nacionais de expressão musical, como a modinha, cultivada, também, na parte de composição, por outro brasileiro que vivia em Portugal – Caldas Barbosa – apesar de menosprezado por certos reinós, como Bocage, por exemplo, que o apelidava de “fusco trovador”, pelo fato de ser mulato.

E que outra prova mais expressiva de brasilidade da notável cantora podemos encontrar além do seu nome? Joaquina Maria da Conceição da Lapa, carioca da gema, tinha ainda a singularidade de ter no seu o nome do famoso bairro do Rio de Janeiro, que naquela época já existia, embora não ainda como o refúgio dos boêmios em que mais tarde se transformou.

Na trajetória artística e profissional de Joaquina Lapinha vemos a vida das mulheres brasileiras e a sua luta multissecular em prol da libertação, ao lado do homem. Porque a luta das mulheres é a mesma luta dos homens, e essa libertação só ocorrerá quando se entender que a Liberdade não pode conviver com a Ignorância. Uma começa quando a outra termina.

Recebido em 25 de julho de 1989